



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**CONCORDÂNCIA NOMINAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE
JANEIRO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO**

LARISSA PEREIRA CAETANO DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2024

LARISSA PEREIRA CAETANO DA SILVA

CONCORDÂNCIA NOMINAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE
JANEIRO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras
Português-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alexandre Lopes de Melo

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

S586c Silva, Larissa Pereira Caetano da Concordância nominal na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uma proposta de estudo / Larissa Pereira Caetano da Silva. -- Rio de Janeiro, 2024.
39 f.

Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português Espanhol, 2024.

1. Comunidade de fala . 2. Concordância nominal .
3. Sociolinguística variacionista. I. Melo, Marcelo Alexandre Silva Lopes de, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

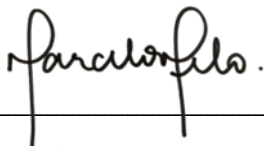
Larissa Pereira Caetano da Silva

CONCORDÂNCIA NOMINAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português-Espanhol.

Data da avaliação: 06/01/2025

Banca examinadora:



Prof. Dr. Marcelo Alexandre Lopes de Melo (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 8,5



Prof. Ms. Caio Miei Mendonça
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

NOTA: 8,5

À minha avó, Josefa Pereira. Gostaria que você estivesse aqui para presenciar essa conquista.

AGRADECIMENTOS

“Toda a glória seja a Deus que, por seu grandioso poder que atua em nós, é capaz de realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar”. *Efésios 3.20*

Agradeço aos meus pais que com muito esforço, não somente me apoiaram, mas enfrentaram inúmeros desafios para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por tanto!

Agradeço ao meu querido orientador Marcelo Melo que aceitou em tão curto tempo, orientar mais uma aluna em meio a correria da vida acadêmica. Obrigada, por me guiar neste caminho da linguística com tanto carinho e dedicação.

Aos meus avós, tias e primos, muito obrigada por todo apoio, admiração e palavras de incentivo.

Aos amigos de graduação que me acompanharam durante estes anos: Maria, Marcelle, Maria Clara, Lucas, Yan e Eliseu, vocês foram mais do que essenciais! Eu não conseguiria sem vocês ao meu lado.

Agradeço aos meus amigos: Jean, Júlia, Arianne e Rafaella (em memória), por se alegrarem comigo desde o início dessa jornada. Ao Welison que durante o período remoto me auxiliou e incentivou quando o medo e a ansiedade apareceram. Ao Getulio, pelas caronas nos dias chuvosos e por todo o apoio. À Carol e Mariana, obrigada por me ouvirem “hablar y hablar” sobre a faculdade com tanto carinho.

Ao meu querido pastor Cicero, sua família e ministério, obrigada por torcerem e orarem por minha jornada acadêmica.

Ao pastor Adalberto, Sheila e Monique, obrigada por todo o incentivo.

mas ninguém pode invadir
a casa que levo dentro.
contra isso mantenho-me viva
em vida.
contra isso
muitas bocas
assopramos o fogo do que não
morre.

Heleine Fernandes

SILVA, Larissa Pereira Caetano. **Concordância nominal na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uma proposta de estudo**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O presente estudo apresenta uma proposta de pesquisa sobre a concordância nominal na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a partir de dados de produção que serão levantados da Amostra FavRio, uma nova amostra com moradores de favelas do Rio de Janeiro. A concordância nominal já foi objeto de análise de inúmeros trabalhos sobre o Português Brasileiro, os quais revelam a sistematicidade quanto à realização e ausência da marca de plural nos elementos do sintagma nominal, no entanto, diferente desses estudos, a variável será integrada a Amostra FavRio que está estratificada por falantes de ambos os sexos, com três faixas etárias e graus de escolaridade. Esses indivíduos possuem diferentes graus de inserção e interação social, o que viabiliza observar se esses graus afetam o seu comportamento linguístico. Espera-se que o estudo a ser desenvolvido conjugado com os resultados de Scherre (1988) e Ribeiro (2018) confirme os fortes condicionamentos das variáveis: saliência fônica, posição do elemento nominal em relação ao núcleo, animacidade e marcas precedentes em função da posição, e também a interferência de fatores extralinguísticos, tais como: a escolaridade e o grau de inserção social dos indivíduos que podem, ao lado de condicionamentos internos, desempenhar um papel importante no processo de realização da variável. Espera-se ainda que a análise do comportamento linguístico de falantes cujo perfil social não costuma ser objeto de estudo em pesquisas linguísticas (moradores de favelas) contribua para o entendimento da concordância nominal, tal como para uma melhor compreensão acerca da dinâmica sociolinguística da comunidade de fala.

Palavras-chave: comunidade de fala, concordância nominal, Sociolinguística Variacionista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Estrutura do Sintagma Nominal

20

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Estratificação da Amostra FavRio	28
Quadro 2. Favelas mapeadas na cidade do Rio de Janeiro	29
Quadro 3. Variantes na Concordância de Número no SN	31
Quadro 4. Variável posição do elemento no SN em relação ao núcleo	32
Quadro 5. Variável animacidade do substantivo	33

Sumário

1	INTRODUÇÃO	12
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1	Os estudos linguísticos na primeira metade do século XX	14
2.2	Teoria da Variação e Mudança	15
2.3	Princípios para uma Teoria da Variação e Mudança	18
3	CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL	20
3.1	Estudos variacionistas sobre concordância nominal de número	20
3.2	Principais variáveis observadas em estudos sobre a concordância nominal no PB	22
3.2.1	Saliência fônica	22
3.2.2	Posição do elemento no SN em relação ao núcleo	22
3.2.3	Marcas precedentes em função da posição	23
3.2.4	Contexto fonético/fonológico seguinte	23
3.2.5	Outras variáveis estruturais	23
3.2.6	Escolaridade	24
3.2.7	Idade	25
3.2.8	Sexo	25
	Síntese	25
4	METODOLOGIA	27
4.1	Amostra FavRio	27
4.2	Variáveis de análise	31
4.2.1	Variável dependente	31
4.2.2	Variáveis independentes	31
5	HIPÓTESES E ENCAMINHAMENTOS	37
6	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a gramática normativa de Bechara (2009, p.543) o fenômeno da concordância “consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”, neste caso a concordância nominal acontece quando a palavra determinante é realizada seguindo o gênero e número da palavra determinada. No entanto, essa regra nem sempre é seguida, pois a marcação de número em todos os elementos de um Sintagma Nominal pode não ser realizada. Muitos trabalhos anteriores apontam que o fenômeno da concordância nominal de número é variável, assim para que se entenda o que favorece ou desfavorece essa marcação, serão apresentados alguns trabalhos como os de Scherre (1988) e (1994) e Ribeiro (2018) para observarmos o fenômeno dessa variável no Português Brasileiro.

Diversos estudos anteriores já observaram essa variável e apontam que há condicionamentos estruturais e sociais atuando para a realização da marca de plural nos elementos do SN: quanto aos condicionamentos linguísticos, destacam-se a posição do elemento no SN e a saliência fônica; em relação aos condicionamentos sociais, destaca-se a escolaridade do falante. No entanto, este projeto de pesquisa pretende contribuir para a ampliação dos estudos sobre a concordância nominal de número no Rio de Janeiro abordando uma nova comunidade de fala.

Para expandir o entendimento acerca da dinâmica sociolinguística da comunidade de fala do Rio de Janeiro, quanto à variável em questão, o presente estudo pretende analisar a fala de moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Como pode ser percebido entre os inúmeros estudos anteriores, as favelas não fazem parte dos estudos linguísticos sobre a concordância nominal. Em geral, poucas amostras de fala são voltadas para falantes de classe sociais mais baixas, assim pensando em suprir essa defasagem e olhar para essas comunidades altamente plurais, foi criada no ano de 2022 a Amostra FavRio que é voltada para moradores de favelas do Rio de Janeiro, mas ainda está em processo de expansão.

A Amostra FavRio possui uma estratificação mais complexa do que outras como a Amostra EJLA e a Amostra Fiocruz que são constituídas por jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro, pois está estratificada do seguinte modo: com falantes de ambos os sexos, de três faixas etárias (18-29 anos, 30-49 anos, acima de 50 anos), com três graus

de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Até o momento, esta amostra possui 40 entrevistas.

O suporte teórico para esta pesquisa está fundamentado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]) que compreende que a língua apresenta uma heterogeneidade ordenada possuindo regras categóricas e variáveis, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, no entanto a variabilidade da língua não é aleatória, é uma variação sistematizada pois a língua possui uma estrutura. Com base nessa teoria, o presente projeto de pesquisa almeja buscar evidências para a realização da marca de plural nos elementos do SN.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: essa introdução, sucedida do primeiro capítulo onde serão apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança que embasam esta pesquisa; no segundo capítulo serão abordados trabalhos anteriores sobre a variável linguística em análise - variação na marcação de número no SN do PB; no terceiro capítulo, será apresentada a metodologia que será utilizada para a coleta e análise de dados e, no último capítulo serão expostas algumas considerações finais e encaminhamentos para o desenvolvimento da pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados o contexto histórico de surgimento da Sociolinguística, a que tradição ela se opõe e como se desenvolveu. Também serão introduzidos os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança, tal como os postulados de Weinreich, Labov e Herzog e as questões que embasam a pesquisa sociolinguística.

2.1 Os estudos linguísticos na primeira metade do século XX

É possível dizer que, desde a Antiguidade, a linguagem sempre foi objeto de interesse. No entanto, os estudos linguísticos estiveram, por um longo período, voltados para a tradição gramatical e atrelados a outras áreas de estudo, sobretudo a filosofia e história. A partir do século XX, os estudos linguísticos ganharam autonomia. Saussure, um dos maiores expoentes do Estruturalismo, inaugurou a linguística moderna ao delimitar o objeto de estudo da linguística: o signo linguístico. É, portanto, por meio de sua teoria, que a língua passa a ser enxergada como um elemento autônomo. Saussure “ênfaticamente a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente” (Costa, 2011, p. 144). A teoria de Saussure se baseava a partir do estabelecimento de diversas dicotomias, sendo *langue* x *parole* a mais conhecida. Saussure entendia que “a linguagem tem um lado social, a língua (ou *langue*, nos termos saussureanos), e um lado individual, a fala (ou *parole*, nos termos saussureanos), sendo impossível conceber um sem o outro” (Costa, op. cit., 145). Em razão de seu caráter supraindividual e homogêneo, a *langue* deveria ser objeto de estudo da linguística. Desta forma, se consolida uma tradição nos estudos linguísticos de se considerar a língua como uma estrutura homogênea e apartada de questões sociohistóricas.

Dando seguimento à tradição consolidada na primeira metade do século XX, a Teoria Gerativa, fundada por Noam Chomsky, também define a língua como um sistema abstrato de regras que não tem vínculo com fatores históricos e sociais. Além disso, segundo essa corrente, os seres humanos nascem com uma capacidade inata de adquirir uma língua (uma dotação biológica para adquirir uma língua) denominada faculdade da linguagem que permite que os indivíduos produzam e compreendam os enunciados na sua língua. Apesar das diferenças entre a Teoria Gerativa e o Estruturalismo, o que se

observa é a consolidação de uma tradição nos estudos linguísticos, segundo a qual a fala (uso) dos indivíduos não é relevante como objeto de estudo linguístico.

No final da década de 1950, Chomsky, em oposição à hipótese behaviorista que interpretava a linguagem humana (fenômeno externo ao indivíduo) como um condicionamento social, estabelece as bases para uma nova teoria nos estudos linguísticos: o Gerativismo. Segundo essa nova teoria, a língua seria um sistema abstrato de regras para a construção de frases, proveniente do estado inicial da faculdade da linguagem. Para o Gerativismo, o comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética (interna ao organismo humano) que está radicada na mente/cérebro dos seres humanos. Assim, o Gerativismo se volta para a necessidade de descrever exatamente como é a faculdade da linguagem, como ela funciona e como é possível que ela seja geneticamente determinada se as línguas do mundo parecem tão diferentes entre si. Em outras palavras, interessaria aos estudos linguísticos descrever a estrutura abstrata e homogênea radicada na mente dos falantes.

Tanto o Estruturalismo quanto o Gerativismo consolidaram a ideia de que a língua é uma realidade homogênea e abstrata. Isto porque as duas correntes teóricas desconsideraram as influências externas à língua, uma vez que adotaram a ideia de que as regras e as relações estabelecidas entre os componentes da gramática são satisfatórias para descrever adequadamente o objeto de estudo, sem sequer relevar a variabilidade. Ambos, tornaram excludentes o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua, fatores que, já no período de transição entre os séculos XIX e XX, Antoine Millet ressaltava, pois, para ele toda variação na língua é motivada por fatores sociais.

2.2 Teoria da Variação e Mudança

É neste contexto que, no final da década de 1960, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog propõem uma nova teoria para os estudos da mudança linguística. Ao se oporem a ideia de que a língua é um sistema homogêneo e autônomo, desvinculada de fatores históricos e sociais, os autores determinam como fundamentos para o estudo da mudança linguística: a relação entre língua e sociedade; a estrutura da língua e as mudanças linguísticas que ocorrem dentro do contexto social da comunidade de fala. Conseqüentemente, a partir dos pressupostos lançados por Weinreich, Labov e Herzog

(doravante WLH), a língua passa a ser concebida como um sistema heterogêneo, ou seja, um sistema dotado de variabilidade. Além disso, essa variabilidade não é desordenada ou aleatória, mas sim sistematizada e ordenada. E essa sistematicidade é garantida porque a variação é condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Em outras palavras, a língua é um sistema que possui estruturas categóricas (invariantes) e variáveis. Por esse motivo é que falantes de uma mesma língua, mas que pertençam a diferentes grupos e/ou comunidades de fala, embora apresentem características particulares, conseguem se entender perfeitamente, visto que a língua apresenta uma heterogeneidade ordenada, possui estruturas categóricas e variáveis, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

O foco dos estudos variacionistas recai sobre as estruturas variáveis. Para a Sociolinguística, uma estrutura é considerada variável quando houver mais de uma possibilidade de realização, no mesmo contexto. A realização de uma outra variante é determinada pelos condicionadores, fatores que regulam e condicionam a realização. Há dois tipos de condicionadores: os internos, nomeados também de condicionadores linguísticos, ou seja, aqueles que dizem respeito ao sistema linguístico (por exemplo, a ordem dos constituintes em uma sentença, a categoria das palavras, entre outros); e os externos à língua, também chamados condicionadores extralinguísticos ou sociais (sexo/gênero, grau de escolaridade e faixa etária dos falantes).

No livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (*Empirical Foundations for a Theory of Language Change*) publicado em 1968, WLH se dedica a apresentar uma teoria de mudança que busca descrever como ocorrem as transformações ao longo do tempo dentro de uma determinada comunidade de fala e, ainda assim, a língua e a comunidade permanecem ordenadas, mesmo que a língua mude. Assim, para encontrar explicações sobre a mudança, WLH (2006 [1968] p.121-125), apresentam os cinco problemas para o estudo da mudança que devem ser respondidos em uma pesquisa sociolinguística, são eles:

1. Problema da restrição ou dos fatores condicionantes: procura investigar o conjunto de mudanças e de condições possíveis que possibilitam a mudança em uma determinada estrutura.
2. Problema do encaixamento: tem como objetivo explicar quais seriam os condicionamentos, causas e efeitos de uma mudança para o sistema.

3. Problema da transição: está ligado a transmissão e incrementação de novas formas e busca entender como a mudança se propaga por gerações e como avança ao longo do tempo sem interferir na comunicação.
4. Problema da avaliação: busca explicar como as mudanças observadas podem ser avaliadas levando em conta as reações negativas a uma determinada forma que podem retardar ou impedir a mudança linguística em seus efeitos sobre a estrutura linguística, a eficiência comunicativa e os fatores não linguísticos envolvidos na fala.
5. Problema da implementação: investiga como ocorre a implementação da mudança e por que ela ocorre em determinados contextos linguísticos, lugares e épocas específicos, mas não ocorrem em outros contextos.

Outro importante pressuposto teórico proposto por WLH refere-se à possibilidade de captar empiricamente a mudança em curso, ou em tempo aparente. De acordo com essa proposta, o indivíduo preserva o sistema vernacular que adquiriu desde os primeiros anos até a puberdade e, desse modo, quando adulto ou na velhice, o seu comportamento linguístico ainda reflete o vernáculo concebido (estabilizado) na primeira fase de vida. Com isso, quando comparamos diferentes gerações ou faixas etárias de falantes, é possível perceber evidências de mudanças linguísticas em um determinado período de tempo, caso haja diferenças no comportamento linguístico das diferentes gerações. O estudo da mudança em tempo aparente evidencia a possível correlação entre a variável social idade e a variável linguística em questão, sinalizando assim, rastros de uma mudança linguística específica em progresso ou que ocorre regularmente em determinada fase da vida dos indivíduos pertencentes a comunidade observada. Neste sentido, quando a mudança em tempo aparente é observada de maneira sincrônica, é possível perceber quais mudanças linguísticas estão em progresso. Partindo deste princípio, WLH contrapõem o postulado saussureano segundo o qual a mudança só poderia ser verificada diacronicamente e, ainda, reforçam a ideia de heterogeneidade ordenada, pois para os autores, a heterogeneidade da língua pode ser vista tanto na sincronia como na diacronia. Assim, compreende-se que a língua, embora esteja em constante mudança, não passa por momentos menos sistemáticos.

Os estudos em tempo aparente são, em geral, ratificados com os estudos em tempo real. Esses, diferente do construto do tempo aparente, são captados pelo comportamento linguístico dos indivíduos observados em diferentes épocas, em uma abordagem

diacrônica. Para a sua realização, o pesquisador compara amostras de falas do mesmo falante ou amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, mas com a mesma estratificação social, em dois momentos diferentes com o fim de perceber a estabilidade e/ou mudança no indivíduo ou na comunidade. Diferente dos estudos em tempo aparente, os estudos em tempo real comparam ainda textos escritos em diferentes séculos e, dessa maneira, apresentam evidências mais concretas de um processo de mudança.

2.3 Princípios para uma Teoria da Variação e Mudança

A partir dos pressupostos lançados por WLH (1968), é possível traçar alguns princípios gerais para o estudo da variação e mudança linguística:

1) Fatores linguísticos, sociais e cognitivos condicionam a variação e a mudança linguística: se a variação não é aleatória, como já dissemos, ela será condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Assim, nas palavras de WLH, “Fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações apenas de um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico” (p. 126);

2) A estrutura linguística inclui formas categóricas e formas variáveis. O domínio de uma língua pressupõe o conhecimento da organização da variação na gramática. O interesse da Sociolinguística repousa nas formas variáveis, aquelas que permitem que, em determinados contextos, os falantes de uma língua falem de uma forma ou de outra e, independentemente da forma realizada, sejam compreendidos por outros falantes da mesma língua. Em outras palavras, o que garante que os falantes de uma língua se entendam, mesmo que usem formas variáveis, é o fato de a gramática dos falantes comportar a variação observada na língua. Assim, a competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua;

3) Mudança é variação, mas nem toda variação é um processo de mudança. Quando se observa uma mudança, é possível afirmar que houve competição entre formas alternantes (ou seja, houve um período de variação). Por outro lado, o fato de serem observadas na língua formas em variação não implica que uma delas vai deixar de ser usada/produzida e uma resistirá, tornando-se a forma usual;

4) Mudança é gradual, não abrupta. A gradualidade se refere à implementação em diferentes contextos, estratos sociais etc. ao longo do tempo e em um determinado espaço geográfico. Diferentes estudos dialetológicos e sociolinguísticos oferecem exemplos de que formas alternantes convivem em uma mesma comunidade de fala e em um determinado momento;

5) A mudança linguística se inicia quando a generalização de uma dada alternância em um certo subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de diferenciação ordenada, isto é, não é uma deriva aleatória. Ou seja, uma variação observada na fala de um determinado grupo da comunidade de fala se generaliza, ganha certa significação social e alcança outros grupos e é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Todo esse processo não se dá de maneira uniforme ou abrupta, mas sim é gradual;

6) O indivíduo não é autônomo em relação à sociedade em que está inserido. Embora o conhecimento linguístico esteja representado e organizado na mente/cérebro de cada indivíduo, a aquisição linguística está inserida em um contexto sócio-histórico, e, portanto, o conhecimento adquirido envolve os aspectos da organização social. Por isso, o termo gramática da comunidade de fala;

7) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo. Há continuidade geracional na comunidade de fala, mas não dentro da família. Toda e qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade de fala. Em outras palavras, a mudança linguística não está restrita a etapas discretas dentro da família, sendo, portanto, muito mais do que o resultado de diferenças de geração (entre pais e filhos).

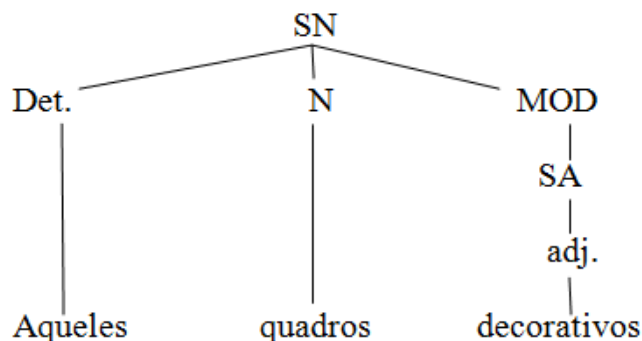
3 CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL

Neste capítulo, serão revisados alguns dos inúmeros estudos já realizados sobre a concordância de número no sintagma nominal (doravante SN) que é um fenômeno variável no português brasileiro. As pesquisas que serão expostas no presente capítulo objetivam trazer embasamento teórico para este trabalho por meio da exposição de seus resultados que mostram os condicionadores desse fenômeno variável no português brasileiro (doravante PB) e sobretudo na comunidade de fala do Rio de Janeiro.

3.1 Estudos variacionistas sobre concordância nominal de número

O fenômeno da concordância, de acordo com Bechara (2009, p.543), “consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”, ou segundo Trask (2004, p.61) corresponde “ao fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença [ou em um sintagma] é determinada pela forma de uma outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical”. Para exemplificar, a imagem a seguir apresenta o sintagma nominal (doravante SN) “aqueles quadros decorativos”:

Figura 1. Estrutura do Sintagma Nominal



Fonte: Morfossintaxe: Reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://morfossintaxe2012.blogspot.com/2012/11/ossintagmas-adjetival-e-verbal-ola.html>. Acesso em 03/10/2024

Nesse sintagma, teremos “quadros” como núcleo do SN, “aqueles” como determinante do sintagma e “decorativos” como modificador. Em todos os elementos do sintagma há concordância de número como indicam as gramáticas normativas do português. No entanto, essa marcação de número em todos os elementos do SN é variável no PB, isto é, pode não acontecer em todos os elementos do SN. Isso ocorre porque a concordância de número no SN é um fenômeno variável no PB e essa variação é

condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. No capítulo anterior, vimos que, para a Sociolinguística Variacionista, a variação é condicionada por fatores de natureza social e não só por fatores linguísticos. Assim, o nível de escolaridade, a classe social e o contexto em que vive o falante são fatores que potencializam a marcação ou não marcação da concordância de número em todos os elementos do SN, além das relações estabelecidas entre os elementos que compõem o SN.

Scherre (1988), em sua tese de doutorado, analisou dados de SNs plurais extraídos da fala de 64 informantes da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, a autora utilizou gravações da Amostra Censo 1980 (PEUL/UFRJ) que é composta por 48 falantes adultos na faixa etária de 15 a 71 anos, sendo 24 homens e 24 mulheres, com escolaridade desde o ensino fundamental ao ensino médio e 16 crianças de 7 anos a 14 anos, também separadas por sexo, anos de escolarização e recortes de faixa etária. Como resultado, Scherre notou que a marca explícita de plural pode ser encontrada:

- a. Em todos os elementos do SN: *Todas as línguas romanas* (H2BS)
- b. Em alguns dos elementos do SN: *AØ mesmas problemáticas* (H2BS)
- c. Somente em um elemento do SN: *Muitas coisaØ difícilØ* (HA4FK)
- d. Em nenhum dos elementos do SN (marca semântica): *É quatro vezØ mais caraØ* (H1BS)

(Ribeiro, 2018, p. 113)

Para explicar as variáveis linguísticas e não linguísticas que regem a sistematicidade da variação na concordância de número entre os elementos do SN, Scherre analisou a concordância nominal sob duas perspectivas: uma atomística, quando é analisado cada elemento separadamente e a outra não-atomística, quando é feita a análise de todo o SN. Na perspectiva atomística, foi considerada a variante presença versus ausência em cada um dos elementos flexionáveis do SN. Já na perspectiva não atomística, foi considerada a presença de marca em todos os elementos flexionáveis do SN versus ausência de marca em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN.

Na perspectiva atomística, Scherre analisou 13229 elementos nominais extraídos de 7000 SNs. Um total de 11083 indicaram marcas explícitas de concordância entre os falantes adultos, o que totaliza 72%. Entre os 2146 dados das crianças foi obtido um total de 65% de elementos explicitamente marcados. Na perspectiva não atomística, Scherre analisou somente dos falantes adultos, 948 SNs com mais de dois elementos, totalizando o percentual de 51% em que há marcas em mais de um elemento.

Na análise do fenômeno sob a perspectiva atomística, Scherre considerou onze variáveis linguísticas e seis variáveis sociais e, na perspectiva não atomística, nove

variáveis linguísticas e três sociais. Neste trabalho serão abordadas apenas as variáveis da perspectiva atomística. A partir do estudo de Scherre e outros estudos sobre a concordância nominal no PB, Ribeiro (2018) afirma que entre as 11 variáveis linguísticas, 08 foram destacadas como as principais condicionadoras do processo de concordância e três variáveis sociais no condicionamento da variação de marcas de plural no SN.

3.2 Principais variáveis observadas em estudos sobre a concordância nominal no PB

Nesta seção, serão apresentadas as principais variáveis observadas no estudo de Scherre (1988). Assim, muito mais do que realizar uma resenha de alguns dos estudos já realizados sobre a variável, buscou-se sistematizar as principais variáveis observadas no estudo de Scherre e que foram também observadas em muitos estudos sobre a concordância nominal no PB, a fim de que seja possível ter uma visão mais geral sobre o fenômeno.

3.2.1 Saliência fônica

A variável saliência fônica mostra que quanto mais saliente for o item lexical com a marca de plural quando comparada à forma não-marcada ([o]vo ~ [ɔ]vos), maior a chance de o item receber a marcação de plural. Ribeiro (2018) em Oiapoque/AP mostra que, assim como Scherre (1988), os SNs com plurais irregulares têm um grau de marcação maior visto que são mais salientes. Ribeiro conclui que “as formas oxítonas e os monossílabos tônicos favorecem mais a marcação pelo falante oiapoquense, seguidas do plural irregular” (p.146), o que difere dos resultados de Scherre.

Do mesmo modo, Braga (1977) constatou que a marcação de plural realizada pelos falantes do Rio de Janeiro e do Triângulo Mineiro (MG) foi favorecida pela posição do elemento no SN e pela saliência fônica que é mais marcada em situações formais tensas. Por outro lado, Scherre (1988) em sua análise no Rio de Janeiro mostra que as formas que caracterizam os processos morfofonológicos tendem a reter mais as marcas de plural.

3.2.2 Posição do elemento no SN em relação ao núcleo

De acordo com Scherre (1988), a posição que o item lexical ocupa no SN exerce forte influência na marcação de plural. Assim, seus resultados apontaram que os itens lexicais que estão antes do núcleo (à esquerda) recebem mais marcação de plural do que

os que estão depois do núcleo (à direita), como por exemplo: “os piores **nome feio**” (Scherre, 1994). A autora notou também que os elementos nucleares nas primeiras e terceiras posições costumam receber mais a marcação de plural do que os elementos que estão na segunda posição que não costumam ser marcados, exemplo “as **criança**”.

Ribeiro (2018) notou que seus resultados correspondem às pesquisas realizadas anteriormente, dado que as posições anteriores ao núcleo tendem a ser mais relevantes para a marcação de número, sendo os elementos à direita do núcleo e em outras posições diferentes da posição 1 menos marcados. Da mesma maneira, Brandão (2011) em sua análise em Nova Iguaçu (RJ) mostrou que a variável posição foi a mais relevante para o condicionamento das marcas de plural, apontando que a margem esquerda do SN foi preferencial para a marcação.

3.2.3 Marcas precedentes em função da posição

Segundo Ribeiro (2018), a variável marcas precedentes “observa a relação entre a presença ou a ausência de marcas de plural nos itens do sintagma nominal” (p.118) logo, o intuito dessa variável é verificar se a marcação no primeiro elemento do SN favorece ou não a realização de marcação nos itens seguintes. Como resultado, Scherre (1988) afirma que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros” (p.511) visto que houve grande marcação de elementos que estavam em sequência. Por outro lado, Ribeiro (2018) mostra que a ausência de marcas é o principal fator para a realização da marcação.

3.2.4 Contexto fonético/fonológico seguinte

De acordo com Ribeiro (2018), as análises de Scherre (1988) mostraram que o contexto fonético/fonológico seguinte destaca que “as marcas de plural ocorrem mais quando o contexto seguinte é consonantal, com traços surdo, velar e oral ou ainda quando é uma pausa” (Ribeiro, 2018, p.63). Ou seja, quando o item lexical termina em -s a consoante é marcada, influenciando negativamente a vogal seguinte e a pausa também influencia a marcação do -s.

3.2.5 Outras variáveis estruturais

Além das variáveis descritas anteriores, Scherre (1988) observou outras variáveis que podem condicionar a marcação de número nos elementos do SN:

- função resumitiva: essa função ocorre quando o SN funciona como um resumo de uma ideia exposta anteriormente ou ainda, como uma unidade parentética. Ribeiro

(2018), em sua tese, afirma que a análise de Scherre (1988) mostrou que essa variável leva a mais marcação dos elementos do SN quando o SN não tem essa função;

- formalidade dos substantivos e adjetivos: quanto ao grau de formalidade, Scherre apontou que os itens lexicais formais tendem a receber mais marcação de plural do que os itens lexicais informais. Assim, quanto mais informais forem os substantivos e os adjetivos, menos eles terão as marcas de plural;
- grau dos substantivos e adjetivos: Scherre destaca que os nomes de grau normal apresentam maior marcação, uma vez que os diminutivos e os aumentativos recebem menos marcas de plural no SN, ou seja, desfavorecem a marcação de número;
- animacidade dos substantivos: Scherre destaca que os nomes com traço [+humano] recebem mais marcas de plural do que os substantivos com traço [-humano]

3.2.6 Escolaridade

Para Scherre (1988), a escolaridade foi um fator de grande influência na aplicação da marcação de plural, revelando que, quanto maior a escolaridade do falante, maior também o emprego das marcas de plural nos itens do SN, refletindo assim o papel da escola na propagação de padrões de prestígio relativos à marcação categórica de todos os elementos que compõem o SN. Outros estudos como os de Lopes (2001) e Ribeiro (2018) também concluem que quanto maior a escolarização, maior será a marcação de plural, ou seja, haverá mais concordância. Oliveira (2024) analisou os dados de CN obtidos junto a adolescentes excluídos socialmente (Amostra EJLA) e encontrou percentuais de marcação de concordância nominal bem diferentes daqueles encontrados por Scherre (1998): quase 90% dos SN levantados pela autora era constituída por apenas dois elementos e, nesses casos, o primeiro elemento (determinante) sempre recebeu a marca de plural, mas a marcação do segundo elemento foi de apenas 12,70%. Isso coloca os falantes da Amostra EJLA, relativamente à marcação dos elementos de SN, bem atrás dos falantes da Amostra Censo 1980 (Scherre, 1988), 54%. So falantes da Amostra EJLA, conforme observado por Oliveira (2023), também se distanciam de falantes oiapoquenses de diferentes origens (Ribeiro, 2018): 47,1% (falantes oiapoquenses), 37,2% (falantes indígenas) e 37% (falantes franceses). Assim, é possível argumentar que a escolaridade e

outras questões sociais (classe, origem e inserção social) podem condicionar a realização da variável em análise.

3.2.7 Idade

Para Scherre (1988), a variável idade revelou um padrão de variação estável entre os grupos de falantes, no tocante ao emprego das marcas de plural. Por outro lado, os resultados na análise de Lopes (2014) em Santa Leopoldina (ES) revelaram um processo de implementação de marcas nesta comunidade, liderada pelos mais jovens e pelas mulheres. Ribeiro (2018) também demonstra que os mais jovens tendem a realizar a marcação mais do que os mais velhos.

3.2.8 Sexo

Em seus resultados, Scherre (1988) notou que as mulheres são as que mais marcam, mostrando-se mais próximas do padrão normativo estabelecido para a concordância de número, fazendo mais uso das formas de prestígio. Opondo-se a Scherre, os resultados de Carvalho R. (1997) mostraram que em Rio Branco, os homens favorecem mais a regra de marcação de plural no SN do que as mulheres. Já Ribeiro (2018) conclui que em Oiapoque/AP as mulheres marcam mais do que os homens, porém essa diferença não é significativa.

3.3 Síntese

A partir dos estudos expostos, sobretudo do estudo de Scherre (1988), é possível perceber que há uma sistematicidade quanto à marcação de número dos elementos do SN, visto que as variáveis posição do núcleo e saliência fônica apresentaram resultados similares em diferentes pesquisas. A partir das análises de Scherre (1988), Ribeiro (2018) e Brandão (2011), é possível notar que a marcação de plural é mais recorrente nos elementos do SN quando eles estão na primeira posição e antepostos ao núcleo, ou seja, à esquerda.

Assim como Scherre (1988), Braga (1977) e Ribeiro (2018) apontaram para a abrangência da variável saliência fônica. Importante destacar ainda que outros autores como Nina (1980), Carvalho (1997), Lopes (2001), Pereira (2008), Brandão (2011) e Lopes (2014) também consideram essa variável, o que ressalta a sua relevância para os estudos da concordância nominal de número. Quanto às variáveis sociais, nota-se que os falantes menos escolarizados tendem a realizar menos marcas de número. Tais resultados

reforçam a afirmativa de Scherre, segundo a qual “a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada nas mentes de seus falantes” (1994, p.11).

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia para a constituição da amostra de fala que será utilizada para coleta e análise de dados. Serão apresentadas também as variáveis para análise e o modelo estatístico para tratamento dos dados. É importante lembrar ainda que esse trabalho tem por objetivo apresentar um projeto de pesquisa que pretende observar o comportamento de moradores das favelas da comunidade de fala do Rio de Janeiro em relação à concordância nominal de número.

4.1 Amostra FavRio

Ao longo dos anos, foram constituídas diversas amostras para mapear os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro, como por exemplo: as Amostras Cento 1980 e Censo 2000, do Programa de Estudos sobre Usos da Língua (PEUL/UFRJ); a Amostra NURC, do projeto Norma Urbana Culta (UFRJ); Discurso e Gramática (UFRJ). No entanto, essas amostras foram constituídas por indivíduos de diferentes setores da classe média. Algumas amostras já constituídas sobre a mesma comunidade são formadas por falantes de outros grupos sociais: as amostras MOBREAL, APERJ, Fiocruz (PEUL/UFRJ) e EJLA (PEUL/UFRJ). Essas amostras são compostas por indivíduos de classe baixa e os resultados obtidos a partir delas reforçam a necessidade de ampliar as amostras com falantes pertencentes a diferentes grupos sociais, a fim de que seja possível observar a variação e a mudança linguística de modo mais amplo na comunidade de fala. Neste contexto, está sendo constituída a Amostra FavRio, composta por moradores de diferentes favelas da cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com Campos (2008, p. 63), as favelas no Rio de Janeiro surgiram em razão de eventos espaciais e temporais delimitados, ou seja, as favelas surgiram devido a desapropriações de cortiços na segunda metade do século XIX, as quais foram motivadas por diversas razões. Assim, as favelas se tornaram “territórios que parecem destilar uma especificidade inconfundível ligada ao caráter moral e cultural de sua população” e, por isso, costumam ser territórios estigmatizados (Birman, 2008, p. 113). Apesar de ser um local muito estigmatizado, as favelas não devem ser consideradas lugares de exclusão social total ou mesmo se deve afirmar que os indivíduos que lá residem não têm acesso às instituições que transmitem valores sociais. É claro que o acesso a essas instituições pode ser muito mais difícil ou limitado para moradores de territórios de favelas quando comparado à realidade de moradores de outras áreas da cidade. No entanto, nas favelas,

é possível encontrar indivíduos com diferentes graus de acesso às instituições que transmitem padrões sociais típicos da classe média.

Para abranger as diversidades das favelas, a amostra FavRio estabeleceu como critério fundamental para compor a amostra que todos os entrevistados fossem maiores de 18 anos, moradores de favelas do Rio de Janeiro que nasceram ou se mudaram até os 5 anos de idade. Assim, a amostra contou com uma estratificação complexa: com falantes de ambos os sexos (masculino e feminino); incluindo três faixas etárias (até 29 anos, 30-49 anos, acima de 50 anos) e três graus de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Conforme apresentado no Quadro 01 a seguir, até o momento, a referida amostra conta com 40 entrevistas:

Quadro 1. Estratificação da Amostra FavRio

Participantes	Fundamental		Médio		Superior	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
≤29 anos	1	1	2	4	2	2
30-49 anos	2	-	5	6	3	3
≥50 anos	-	5	1	3	-	-

Fonte: elaboração própria

Os dados que constituem essa amostra são de produção espontânea e seguem os princípios metodológicos de Labov (1972). Logo, para a realização das entrevistas, optou-se por temas gerais e experiências vividas para que os falantes ficassem confortáveis e conversassem com naturalidade, esquecendo que estavam sendo observados. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital e ocorreram dentro das próprias favelas. Os entrevistados não receberam informações específicas sobre o tema da pesquisa para não influenciar o resultado ou comprometê-lo. As 40 entrevistas realizadas têm duração de 30 a 60 minutos.

Apesar da quantidade de entrevistas realizadas, era esperado que os pesquisadores encontrassem resistência quanto às entrevistas ou que tivessem que lidar com a desconfiança ao apresentar um gravador e fazer perguntas pessoais, uma vez que esses indivíduos residem em um lugar constantemente marginalizado. Por isso as entrevistas foram realizadas por pessoas próximas aos entrevistados ou com algum contato, por meio da chamada “rede de amigos” que esteve indicando pessoas para participarem e assim contribuir com a pesquisa. A partir desse esquema, foi possível acessar os falantes de

diferentes gêneros, idades e escolaridades das 9 favelas mapeadas conforme observado no Quadro 02 a seguir:

Quadro 2. Favelas mapeadas na cidade do Rio de Janeiro

Favelas Mapeadas	Quantidade de entrevistados
Arará	1
Carobinha	1
Manguinhos	2
Maré	1
Santo André	10
Vila Aliança	3
Vila Cruzeiro	2
Vila Kennedy	18
Vila Vintém	2

Fonte: elaboração própria

Compreender a favela em que reside o falante é um fator importante para a pesquisa, uma vez que o indivíduo não pode ser considerado autônomo em relação à sua comunidade de fala, pois o seu conhecimento linguístico reflete os padrões linguísticos da sociedade na qual ele está inserido. Com isso, para que a comunidade seja observada, se faz necessário estudar o espaço físico onde os falantes residem, com quem e com que frequência estão associados ao local em que vivem, pois é a partir da compreensão da estrutura e da dinâmica da comunidade local que a estrutura e a dinâmica da comunidade de fala podem ser compreendidas.

A partir da observação dos fatores apresentados anteriormente, os falantes da Amostra FavRio estão sendo distribuídos conforme o seu nível de interação social e integração ao território em que vivem. Sendo assim, os falantes da FavRio podem ser agrupados em seis diferentes níveis: sendo o nível 1 considerado um falante que possui pouco vínculo com o local em que reside e o nível 6 um falante que possui muito vínculo com o local em que reside. Esses vínculos podem ser medidos de acordo com: a relação que o falante possui com os vizinhos e com indivíduos de outros territórios, assim como o grau de interação com a favela e outros espaços; o seu local de trabalho, ou seja, se trabalha dentro ou fora da favela; e quais locais o falante costuma frequentar para se

divertir. Todas essas informações podem ser obtidas por meio das entrevistas, que permitem observar se os laços estabelecidos, a partir da interação, entre esses indivíduos com o território em que vivem afetam o seu comportamento linguístico, possibilitando a identificação da sistematicidade da variação linguística.

A amostra FavRio ainda está em processo de construção, pois ainda é necessário preencher algumas lacunas de sua estratificação e expandir o mapeamento para outras favelas o que implica alguns desafios uma vez que entrar em qualquer comunidade acarreta certas responsabilidades e apresenta dificuldades inevitáveis, como por exemplo, a dificuldade de acesso às residências. Entrar em favelas não é algo simples, pois além da dificuldade de acesso à algumas regiões em que as casas estão localizadas, há toda uma “política” estabelecida pelo poder que ali atua. Entre os principais problemas estão: (a) a própria geografia da favela, onde é comum que haja residências localizadas em becos que inviabilizam o acesso por meio de veículos e resulta em longas caminhadas; (b) a existência de barricadas em entradas das favelas ou mesmo “cancelas” feitas com trilho de trem para impossibilitar a entrada de veículos, sendo essas barricadas feitas pelas facções criminosas para exercer o controle sobre o tráfego de pessoas que circulam na área; (c) necessidade de um “código de acesso” em algumas áreas para que seja autorizada a entrada nestes territórios sem que haja um incômodo por parte da facção que domina o local. Devido a essas dificuldades e a outras pessoais como a possível desconfiança do entrevistado ou o medo de ser julgado, para que as entrevistas da amostra FavRio fossem realizadas, foi essencial que já houvesse uma familiaridade entre os entrevistadores e o grupo investigado. Porém, sem que haja uma indicação que possui um certo vínculo com o morador, se torna muito difícil ou até mesmo improvável o acesso às favelas e, por esse motivo, apenas nove favelas da cidade do Rio de Janeiro foram mapeadas até o momento.

Quanto às lacunas em sua estratificação, é possível notar que no quadro 01 algumas categorias não foram preenchidas, devido à dificuldade para encontrar, por exemplo, moradores de favela com mais de 50 anos de ambos os sexos que possuem grau de escolaridade de nível superior. Acredita-se que em decorrência da estrutura social na qual esses moradores estão inseridos, essas lacunas podem ser preenchidas futuramente por indivíduos que cursaram o ensino superior tardiamente, ou seja, após a inserção no mercado de trabalho.

Mesmo com as dificuldades e limitações expostas aqui, este projeto de pesquisa tenciona ampliar o conhecimento sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, ao

abordar segmentos sociais nunca antes estudados, com isso, espera-se contribuir positivamente para a expansão da Amostra FavRio e fomentar os estudos sociolinguísticos nas comunidades. Além disso, pretende-se favorecer o desenvolvimento da variável concordância nominal de número, que já é amplamente estudada na comunidade de fala do Rio de Janeiro, trazendo um novo questionamento: o grau de interação social do falante e de integração ao território em que vive afeta sua produção linguística? Tal questionamento, será considerado e espera-se encontrar direcionamentos a partir do desenvolvimento futuro da pesquisa, junto aos estudos anteriores sobre a variável.

4.2 Variáveis de análise

Essa subseção apresentará as variáveis de análises a serem observadas na presente pesquisa.

4.2.1 Variável dependente

Para a Sociolinguística Variacionista, uma variável é dependente porque o emprego das variantes não ocorre de forma aleatória, ele é influenciado, ou seja, depende de fatores internos à língua (estruturais) e externos (sociais) que a condicionam. No caso deste estudo, a variável dependente é binária, indica presença e ausência da marca, conforme os exemplos a seguir:

Quadro 3. Variantes na Concordância de Número no SN

Variantes	Exemplos
Presença da marca de plural nos elementos do SN	As meninas bonitas
Ausência da marca nos elementos do SN	As meninas bonitaØ As meninaØ bonitaØ

Fonte: elaboração própria

4.2.2 Variáveis independentes

As variáveis linguísticas e extralinguísticas que serão observadas neste trabalho decorrem dos estudos de Scherre (1988), uma das pioneiras nos estudos de variação sobre a concordância nominal no Brasil.

4.2.2.1 Variáveis linguísticas

Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas quatro dentre as 8 variáveis linguísticas propostas por Scherre (1988). O critério para seleção dessas variáveis teve como base o trabalho de Ribeiro (2018) que explicita as variáveis com maior número de ocorrências nos estudos sobre CN de número no PB. A seguir veremos cada uma delas:

a. Posição do elemento em relação ao núcleo no SN

O intuito da variável posição do elemento é observar a relação estabelecida entre os elementos do sintagma com o núcleo do SN. No capítulo anterior, foram expostos alguns trabalhos que mostram que a tendência da variável é marcar os elementos que ocupam a primeira posição do SN, ou seja, os elementos que antecedem o núcleo.

Em suas análises, Scherre (1988) notou que independente da classe gramatical, os elementos que estão antepostos ao núcleo, ou seja, a esquerda, tendem a receber mais marcação de número do que os que estão à direita do núcleo. Logo, tais elementos são sistematicamente mais marcados, a autora explica que:

Entre as variáveis linguísticas posição linear e classe gramatical há um jogo complexo de influências que se cruzam entre posição, classe nuclear/não nuclear e relação entre classe nuclear/não nuclear. Nesse jogo temos os elementos à esquerda do termo nuclear no SN favorecendo as marcas de plural; e os elementos à direita desfavorecendo essas marcas. No caso dos núcleos, são favorecedores da marcação de número se estiverem na posição 1 do sintagma, caso contrário desfavorecem-na (Scherre, 1988 apud Ribeiro, 2018, p.115).

Em seu trabalho, Scherre (op. cit.) classificou os elementos de acordo com a posição do elemento em relação ao núcleo do sintagma nominal, como mostra a tabela a seguir:

Quadro 4. Variável posição do elemento no SN em relação ao núcleo

Fatores	Exemplos
Elemento à esquerda do núcleo na 1ª posição	Novas escolas
Elemento à esquerda do núcleo na 2ª posição	Os meus filho
Núcleo na 1ª posição	Coisas lindas
Núcleo na 2ª posição	Os menino
Núcleo na 3ª posição	Os outros colégios
Elemento à direita do núcleo na 3ª posição	Essas estradas nova
Elemento à direita do núcleo em outras posições	Aquelas pessoas assim bem esquisitinha

Fonte: elaboração própria, exemplos retirados de Scherre (1994)

b. Saliência fônica

O conceito de saliência fônica surgiu com Lemle & Naro (1977) voltado para a concordância verbal, desde então, os estudos que sucederam sobre concordância tanto verbal quanto nominal, atentam-se para a variável saliência fônica, mostrando a sua influência quanto à marcação de plural.

São considerados mais salientes os nomes que sofrem alterações morfofonológicas quando passam do singular para o plural. Scherre (1988) mostra a influência da saliência fônica em “plural duplo” (ovo-ovos) visto que além do acréscimo do morfema de plural há alternância vocálica. Por meio dessa alternância, se torna evidente que os itens lexicais mais salientes tendem a ser mais marcados do que os menos salientes, com “plural regular” (carro-carros) onde só há o acréscimo da marca de plural -s. Logo conclui-se que as formas mais salientes são mais perceptíveis e por isso mais marcadas.

c. Animacidade do Substantivo

Para a variável animacidade, Scherre (1988) sugere quatro agrupamentos: [-humano] e [-animado]; [-humano] e [+animado]; [+humano] e [-coletivo]; [+humano] e [+coletivo]. Por outro lado, Ribeiro (2018) considera apenas duas categorias, uma vez que os traços [+humano] e [-humano] evidenciam a oposição da variável. Nos estudos de Scherre (op. cit.), foi constatado que os substantivos com traço [+ humano] possuem mais marcas de plural do que os substantivos com traço [-humano], a autora afirma que “se o traço humano é considerado mais saliente é de se esperar (...) que os substantivos marcados positivamente com esse traço tenham mais marcas de plural do que os com traço [- humano]” (Scherre, 2018, p.273). O quadro 05 a seguir, apresenta alguns exemplos dos traços considerados por Ribeiro (2018):

Quadro 5. Variável animacidade do substantivo

Fatores	Exemplos
[+ animado]	Os professores
[- animado]	Essas coisas

Fonte: elaboração própria, exemplos retirados de Ribeiro (2018)

d. Marcas precedentes em função da posição

Essa variável, observa a relação entre a presença ou a ausência de marcas de plural nos elementos do SN, tendo como objetivo principal, aferir se a presença de marcas anteriores favorece ou desfavorece a realização de marcas posteriores. Scherre (1988), constatou que a ausência da marcação de plural no primeiro elemento do SN conduz à presença da marcação no segundo elemento. A autora, notou ainda, que a marcação de plural é favorecida quando há duas ou mais marcas precedentes e chegou à conclusão que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Ribeiro (2018, p.119), baseando-se nos agrupamentos de Scherre (2018), estabeleceu os seguintes fatores:

1. Ausência: indica a ausência do elemento que antecede o item analisado na primeira posição;
2. Zero formal na primeira posição: se refere a não marcação do item que ocupa a primeira posição do SN;
3. Numeral: empregado na primeira posição do SN; para essa categoria, Ribeiro (2018) considera qualquer numeral independente do plural terminar em -s ou não e justifica alegando que Scherre (1988:236) destaca que o numeral precedente terminado ou não em -s não influencia na marcação do item seguinte;
4. Marcas formais na 1ª posição: indica os casos de marcas de plural nos elementos em primeira posição do SN;
5. Presença de marcas formais antecedendo o núcleo que se encontra a partir da posição 3: refere-se a duas ou mais marcas de plural precedendo o item analisado na terceira, quarta ou quinta posição;
6. Mistura de Marcas: engloba a presença de pelo menos uma marca de plural antecedendo o item analisado, desde que não esteja mediada por zero em um item que admita marca;
7. Zero formal a partir da 1ª posição: indica que entre a última marca e o item analisado tem de existir um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por numeral ou quantificador;

Além desses sete fatores considerados por Ribeiro (op. cit.), Scherre (1988; 1996) considera mais dois: núcleo semântico e presença de marca formal e, núcleo semântico e ausência de marca formal, totalizando nove fatores. Quanto a esses dois últimos não foram encontradas muitas realizações e por isso esses fatores não foram incluídos, diante

disso, espera-se encontrar na amostra FavRio resultados semelhantes aos de Ribeiro (2018).

4.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Além das variáveis tradicionais: sexo, faixa etária e escolaridade, serão acrescentadas as variáveis “falante” e “grau de inserção do falante” que são variáveis estratificadoras da amostra FavRio.

a. Sexo

O objetivo dessa variável é verificar se o sexo/gênero do falante interfere na realização das variantes. Os fatores para esse grupo são:

- 1- Sexo feminino
- 2- Sexo masculino

A respeito dessa variável, Carvalho R. (1997) em Rio Branco (AC) notou que os homens tendem a realizar mais a marcação de plural do que as mulheres, o que difere dos resultados de Scherre (1988) e de outros estudos que apontam as mulheres como favorecedoras da marcação de plural. Scherre (1988, p. 453) observou que “a variável sexo apresenta resultados linguísticos favorecedores da presença de concordância para as mulheres e não para os homens”. Apesar disso, a autora ressalta que a variável não foi considerada relevante para o estudo, quando comparada a outras variáveis como escolaridade e faixa etária, por isso a autora (op. cit.) afirma que é necessário ter um certo cuidado quanto a variável.

No entanto, espera-se encontrar na Amostra FavRio o mesmo padrão para a variável sexo observado em alguns estudos como os de: Scherre (1988); Ribeiro (2018); Pereira (2008) e Nina (1980) que ressaltam que as mulheres são as que mais marcam e a partir disso, deixar contribuições quanto à importância desse fator para a análise da concordância de número no SN.

b. Falante

A finalidade dessa variável é observar até que ponto os falantes da Amostra FavRio contribuem para a variação e se o comportamento de cada um dos falantes é similar ao comportamento observado nos demais indivíduos que compõem a amostra.

c. Escolaridade

Os falantes da Amostra FavRio estão estratificados nos seguintes níveis de escolaridade e serão agrupados de igual modo:

1- Ensino Fundamental 2- Ensino Médio 3- Ensino Superior

Como observado por Scherre (1988), os falantes menos escolarizados tendem a realizar menos concordância. Assim, é esperado que na Amostra FavRio ocorra o mesmo, os falantes menos escolarizados apresentem mais variação e/ou menos concordância.

d. faixa etária

Os participantes da Amostra FavRio estão estratificados em três diferentes níveis de escolaridade e serão testados e agrupados de acordo com as seguintes estratificações:

faixa 01 – ≤ 29 anos faixa 02 – 30–49 anos faixa 03 –
 ≥ 50 anos

Quanto a esta variável, Scherre (1988:446) destaca que o fenômeno da concordância nominal de número, nos falantes cariocas, “reflete variação linguística estável, com gradação etária pouco acentuada”. Para a Amostra FavRio, então, espera-se confirmar se existe uma variação estável ou se há uma mudança em progresso.

e. grau de inserção

Os falantes da Amostra FavRio serão testados e agrupados em seis diferentes níveis de acordo com a sua inserção no local que vivem e os vínculos sociais que mantém. A finalidade é analisar se o nível de interação impacta o comportamento linguístico dos falantes.

Nível 1 – pouco vínculo com o local que reside

Nível 6 – muito vínculo com o local que reside

5 HIPÓTESES E ENCAMINHAMENTOS

Os estudos apresentados anteriormente mostram que a variação na concordância nominal é uma realidade não só da variedade carioca, mas sim do PB. Scherre (1988), um dos estudos que norteia a investigação do fenômeno variável em questão, analisou dados de SNs plurais de falantes da Amostra Censo 1980 (PEUL/UFRJ) que é composta por 64 informantes moradores de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro e está estratificada de acordo com a faixa etária dos falantes (7 a 14 anos; 15 a 25 anos; 26 a 49 anos; 50 a 71 anos), sua escolarização (desde o ensino fundamental ao ensino médio) e sexo. Como resultado, Scherre notou que quando o elemento do SN está na primeira posição e anteposto ao núcleo – à esquerda – ele é mais marcado do que em outras posições. Da mesma forma, quando o plural do item lexical for mais saliente, maior a probabilidade de ele receber a marcação de plural. Outros estudos que sucederam as análises de Scherre (1988) evidenciaram uma sistematicidade dos condicionamentos para a realização da marcação de número, uma vez que as variáveis “posição do elemento no SN” e “saliência fônica” apresentaram resultados similares em diferentes pesquisas e, por isso, podem ser consideradas as mais relevantes no estudo da CN no PB.

Outro condicionamento que exerce forte influência sob a variável CN é o grau de escolaridade dos falantes. Scherre (op. cit.) concluiu que quanto menos escolarizados são os falantes, menos realizam marcas de número. Outros estudos como os de Ribeiro (2018), Lopes (2014), Pereira (2008), Lopes (2001) e Carvalho R. (1997), também evidenciaram que a marcação de plural tem um restrito vínculo com os anos de escolarização. Oliveira (2024), a partir de dados obtidos junto a adolescentes excluídos socialmente (Amostra EJLA), observou um percentual muito baixo para marcação dos elementos do SN do que aqueles observados em estudos anteriores para a comunidade de fala do Rio de Janeiro: a maioria dos SN levantados era constituído por apenas dois elementos e, nesses casos, os elementos que ocuparam a primeira posição (determinante) foram categoricamente marcados e, por um outro lado, foi observado um percentual de apenas 12,70% de marcação para os elementos que ocupavam a segunda posição (núcleo) do SN. Relativamente a SN com dois elementos na Amostra EJLA, Oliveira (op. cit.) apontou que esse percentual é inferior àquele encontrado por Ribeiro (2018) para falantes oiapoquenses de diferentes origens: 47,1% (falantes oiapoquenses), 37,2% (falantes indígenas) e 37% (falantes franceses). Scherre (1994) encontrou percentual ainda maior para falantes cariocas (Amostra Censo 1980) para marcação de plural no segundo

elemento (núcleo) de SN de dois elementos: 54%. Assim, os dados de falantes moradores de favelas podem contribuir para a discussão em torno da variação na CN ao trazer falantes da classe baixa, mas, diferentemente dos falantes da EJLA, com algum grau de inserção social.

Ao comparar os dados da amostra de fala da Amostra FavRio com os resultados obtidos nas análises de Scherre (1988) e de Ribeiro (2018), espera-se confirmar o forte condicionamento das variáveis linguísticas em destaque - “saliência fônica” e “posição do elemento no SN” - , assim como a interferência de fatores extralinguísticos enfatizando a escolaridade. Além disso, é esperado que seja mais bem capturada a dinâmica da comunidade de fala a partir de dados obtidos a falantes de classe baixa com diferentes graus de inserção e interação social.

Portanto, espera-se que, futuramente, seja analisado o comportamento linguístico de moradores de favela do Rio de Janeiro com diferentes graus de inserção e interação social, para que assim, se possível, sejam feitas comparações entre o comportamento desses indivíduos da comunidade de fala com o intuito de indicar se esses fatores podem, junto aos condicionamentos sociais, desempenhar um papel importante nas estatísticas das variáveis, bem como verificar se há um possível processo de mudança quanto à concordância nominal de número. Pois, com um olhar mais amplo, poderá ser capturada a dinâmica sociolinguística da comunidade de fala e também será possível observar o impacto dos condicionamentos sociais para a organização do conhecimento linguístico dos falantes moradores de favela.

6 REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa** - 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIRMAN, P.. Favela é comunidade?. In: SILVA, L. A. M. da (org). **Vida em cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CAMPOS, Adrelino (2008). **Do quilombo à favela: a produção “do espaço criminalizado”**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

COSTA, Marco Antonio. Estruturalismo. **Manual de Linguística**. Martelotta, M. E. (org). São Paulo: Contexto, 2011.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil**. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

RIBEIRO, C. M. da R. **A Concordância Nominal de Número no Português Usado em Oiapoque - AP**. (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2018. DOI: 10.5433/2237-4876.2019v22n3p129. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/37485>. Acesso em: 12 jan. 2024

WEINREICH, LABOV & HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.